

**Testemunhos da catástrofe: memórias do trauma em *Vozes de Tchernóbil*****Catastrophy testimonies: memories of trauma in *Voices from Chernobyl***

Joyce Rodrigues Silva Gonçalves<sup>78</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-4643-1810>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo realizar uma breve análise da obra de Svetlana Aleksievitch, *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, a partir da perspectiva dos estudos memorialísticos. O livro reúne relatos orais de pessoas que vivenciaram, direta ou indiretamente, a maior catástrofe tecnológica do século XX, ocorrida na usina de Tchernóbil, na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em abril de 1986. O gênero testemunho permite que sejam ouvidas as memórias traumáticas de pessoas comuns, como camponeses, residentes das aldeias no entorno da usina nuclear, donas de casa, mães e pais de famílias, bem como de profissionais ligados à produção de energia em Tchernóbil, como engenheiros, físicos nucleares, professores, bombeiros e militares soviéticos.

**Palavras-chave:** História; Oralidade; Catástrofe; Testemunho; Tchernóbil.

**Abstract:** This article aims to conduct a brief analysis of the book of Svetlana Aleksievitch, *Voices from Chernobyl: the oral history of a nuclear disaster*, from the perspective of memorialistic studies. The work gathers accounts of oral speech from people who experienced, directly or indirectly, the greatest technological catastrophe of the 20th century, that occurred at the Chernobyl nuclear power plant, in the Union of Soviet Socialist Republics, in April 1987. The testimony genre allows the memories of ordinary people, such as peasants, residents of the villages around the nuclear power plant, housewives, mothers and fathers of families, as well as professionals related to energy production in Chernobyl, as engineers, nuclear physicists, teachers, firefighters and Soviet military.

**Key-words:** History; Orality; Catastrophe; Testimony; Chernobyl.

*Escolhi o gênero das vozes das pessoas... espreito e ausculto meus livros nas ruas, atrás das janelas. Nelas, pessoas reais contam os principais acontecimentos de seu tempo: a guerra, a queda do império socialista, Tchernóbil, e todos eles conservam na palavra a história do país, a história comum. Tanto a antiga, como a mais recente. E cada um guarda a história de seu pequeno destino humano.*

Svetlana Aleksievitch, autora bielorrussa, se dedicou à escrita de testemunhos traumáticos, registrando em suas obras as memórias de centenas de pessoas que vivenciaram as guerras e as demais tragédias soviéticas. Aleksievitch afirma, em seu discurso proferido na Academia Sueca, Estocolmo, na ocasião do recebimento do prêmio Nobel de literatura em 2015, que a memória do povo soviético é uma memória sempre traumática, que a história da

<sup>78</sup> Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, doutoranda em Letras/Estudos literários, área de concentração Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

(s) nação (ões) soviète (s) nunca foi tranquila, e que a isso essas pessoas estão familiarizadas: “A memória nos inspira. Nós sempre vivemos no terror, somos capazes de viver no terror; é o nosso habitat. E nisso, o nosso povo não tem rivais...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 227).

Na obra *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*, Márcio Seligmann-Silva (2003) avalia que o século XX é considerado um período catastrófico, uma vez que ocorreram várias revoluções, duas guerras mundiais, tragédias humanas, políticas e tecnológicas. Em *Catástrofe e representação*, Seligmann-Silva e Nestrovski (2000) reúnem ensaios que tecem considerações a propósito dos limites da linguagem, do pensamento e da imaginação na representação da catástrofe nas artes. A ética da representação é um ponto crucial, principalmente na estética da recepção, uma vez que a crítica das artes, e aqui privilegamos a literatura, exerce seu papel também em relação às escritas de si, em que a voz narrativa se coloca em primeira pessoa, como nos gêneros autobiográficos, memorialísticos. A obra de Svetlana Aleksiévitch é constituída por testemunhos, em que os lembradores se colocam a rememorar suas experiências traumáticas. A despeito de esses sujeitos não escreverem suas próprias memórias, concederam entrevistas à autora para que ela o fizesse.

Embora a pequena cidade de Tchernóbil seja localizada na Ucrânia, as consequências da explosão do reator número quatro de sua usina nuclear se estenderam por grande parte da Europa, particularmente e de modo mais intenso pela Bielorrússia, já que a cidade se localiza muito próximo à fronteira com esse país. Os impactos do desastre na população vulnerável vão desde os danos físicos, psicológicos, sociais, até o desamparo dos direitos humanos, que foram, de modo geral, negligenciados.

Svetlana Aleksiévitch utiliza em suas obras a técnica da metodologia oral, do discurso falado através dos testemunhos que recolhe de pessoas comuns. Em *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, os relatos nos permitem ter uma noção do que essas pessoas sentiram ao vivenciar tamanha tragédia e os impactos dela desde sua deflagração até os dias atuais, já que a “zona de exclusão”, extensão territorial no entorno da usina, está permanentemente condenada. É sua “terra envenenada”. Sendo a autora uma das pessoas atingidas pelo desastre de Tchernóbil, ainda que indiretamente, no capítulo inicial da obra em análise ela tece suas próprias considerações acerca do que significou o incidente e como suas vidas foram definitivamente mudadas a partir de então. A primeira reação foi um emudecimento diante do fato trágico: “Entre o momento em que aconteceu a catástrofe e o momento em que começaram a falar dela, houve uma pausa. Um momento de mudez. E todos se lembram dele...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 41).

O silêncio que se instaurou é perfeitamente compreensível, considerando que em situações traumáticas é normal que as pessoas fiquem em estado de choque, que não saibam nem mesmo como reagir. Ademais, aquelas que, mesmo perplexas, poderiam vislumbrar alguma explicação, que poderiam de algum modo elaborar o trauma, não encontravam meios para tal. A ciência, a literatura, a filosofia também não as possibilitavam uma sistematização racional da catástrofe, o que explica o porquê

[C]alaram-se os filósofos e escritores, expulsos de seus canais habituais da cultura e da tradição. Naqueles primeiros dias, era mais interessante conversar não com cientistas, funcionários ou militares com muitas medalhas, e sim com os velhos camponeses. Gente que vivia sem Tolstói e Dostoiéviski, sem internet, mas cuja consciência de algum modo continha uma nova imagem de mundo. E ela não se destruiu (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 42).

Os camponeses, pessoas simples em sua maioria, também não sabiam ao certo o que havia ocorrido, mas o impacto em suas vidas foi tamanho que alterou seus destinos. A maioria foi evacuada dois, três dias depois, umas e outras acabaram retornando à revelia das orientações do Estado. Mesmo as que emigraram tiveram a saúde seriamente comprometida, famílias destruídas, planos arruinados. É esse o principal enfoque da obra de Svetlana: “Eu

quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 50).

Em *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, a autora privilegia memórias que são, simultaneamente, individuais e coletivas. Do ponto de vista do coletivo, importa dizer que as reflexões de Maurice Halbwachs (2004) em seu livro *A memória coletiva* contribuíram imensamente para a compreensão das questões sociais que compõem a memória. Para o teórico francês, a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre em interação com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto dessas relações que nossas lembranças são construídas. Como nação, o pensamento coletivo predominou durante muito tempo entre os soviéticos: “[M]as isso é também a imagem da barbárie, essa falta de medo pela própria vida. Nós sempre falamos “nós” e não “eu”: “nós mostraremos o heroísmo soviético”, “nós revelaremos o caráter soviético” para o mundo todo! (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 333).

Do ponto de vista individual, Svetlana Aleksievitch permite que histórias particulares sejam conhecidas, que sejam contados destinos conduzidos pela catástrofe. O pensamento individual surge mesmo nas amarras do coletivo: “[D]epois de Tchernóbil, sente-se isso. Nós temos aprendido a dizer ‘eu’. Eu não quero morrer! Eu tenho medo!” [Natália Roslova, presidenta do Comitê Mulheres de Moguilov] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 334).

O primeiro dos relatos na obra de Svetlana é de Liudmila Ignátienko, esposa grávida de um dos primeiros bombeiros que foram enviados ao reator para tentar apagar o incêndio após a explosão. A mulher descreve como tudo aconteceu e como se deram as duas semanas seguintes, em que viu o esposo se esvanecer rapidamente em um hospital de Moscou em consequência da síndrome aguda radiativa. A descrição é chocante, carregada de horror. Após a morte do marido, a esposa encontra nos sonhos uma alternativa para sobreviver, neles ela se encontra novamente com seu amado e com a filha que nascera morta em razão da radiação a que esteve exposta enquanto acompanhava e cuidava do homem. Liudmila confessa: “Assim vou vivendo. Vivo ao mesmo tempo num mundo real e irreal. Não sei onde me sinto melhor”, e completa: “As pessoas não querem ouvir falar da morte. Dos horrores [...] Mas eu falei do amor, como eu amei” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 37-38).

A fuga da realidade é bastante recorrente ao longo do livro e se mostra de diversos modos. A própria autora reconhece: “A realidade resvala, não cabe no homem” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 49). Há um relato interessante que exemplifica esse resvalamento do real, em que a voz que testemunha o desastre se coloca além da realidade, que parece viver uma vida imaginária, surreal:

E eu me lembro do duende. Ele vive há muito tempo aqui comigo, não sei exatamente onde, saiu do forno. De capuz preto e roupa preta com botões brilhantes. Não tem corpo, mas se move. Durante um tempo eu pensei que fosse meu marido que vinha me ver. Veja só... Mas não. É um duendezinho... Vivo sozinha e não tenho com quem falar, de modo que à noite eu conto para mim mesma o dia que passou. [Maria Fedótovna Velitchko, cantora popular e contadora de histórias] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 210).

A alucinação surge, nesse caso, como consequência do trauma vivido e da solidão pós-catástrofe. Aliás, muitas pessoas vivenciaram/vivenciam a solidão pós-Tchernóbil, pois várias perderam suas famílias ou acabaram se isolando de algum modo.

Após o período inicial em silêncio, os atingidos pela catástrofe começaram a retomar o fato e elaborar suas memórias traumáticas. Mas, afinal,

[P]ara que as pessoas recordam? Para restabelecer a verdade? A justiça? Para se libertar e esquecer? Ou por que compreendem que participaram de um evento grandioso? Por que buscam no passado alguma proteção? E, além disso, a recordação é uma coisa muito frágil, efêmera, não é um

conhecimento exato, é uma suposição do homem sobre si mesmo. Isso ainda não é conhecimento, é apenas sentimento. [...]. Para que as pessoas recordam? É a minha pergunta. Mas eu falei com você, pronunciei algumas palavras. E compreendi alguma coisa... Agora não sinto tão sozinho. Mas o que acontece com os outros?” [Piotr S., psicólogo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 55-57).

O relato acima é bastante consciente da dificuldade da assimilação dos fatos; considerando-se que foi proferido por um psicólogo, é perfeitamente compreensível. Mas, como a testemunha já sinalizara em sua fala, como as pessoas lidam com suas próprias lembranças, de modo geral, é algo problemático a ponto de se questionarem: “[E]ntão, o que é melhor: lembrar ou esquecer?” [Evguêni Aleksándrovitch Bróvkin, professor da Universidade Estatal de Gómel] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 131).

Há uma relação intrínseca entre lembrança e esquecimento. O sujeito que rememora está sempre colocando em evidência uma memória selecionada, consciente ou inconscientemente, enquanto rechaça outras partes das experiências vividas. Quando o lembrador não se dá conta desse movimento, é como se houvesse uma amnésia decorrente do trauma vivenciado. O relato abaixo exemplifica essa falha da memória, uma lacuna que pode ser considerada em termos neurológicos e também psicológicos/psicanalíticos:

[E]u me esqueci de tudo. Só lembro que estive ali, mas não me recordo de mais nada. Eu me esqueci de tudo. No terceiro ano depois da desmobilização, aconteceu uma coisa na minha memória... Nem os médicos entendem... Não consigo sequer contar dinheiro, me perco. Perambulo de um hospital a outro... Já contei isso, ou não? [Anônimo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 104).

Trauma e amnésia estão, portanto, frequentemente e intimamente relacionados, assim como as “lembranças encobridoras”, sinalizadas por Sigmund Freud et al. (1969) como uma forma de escamotear memórias traumáticas ao se rememorar fatos mais triviais do passado.

Algumas pessoas tinham a noção da contribuição que seria prestar seus testemunhos para a história oficial: “[L]embrar? Eu quero e não quero lembrar. Se os cientistas não sabem nada, se os escritores não sabem nada, então os ajudaremos com a nossa vida e a nossa morte” [Kátia P.] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 147). Outras precisavam contribuir consigo mesmas: “Não me pergunte. Não vou dizer. Não vou falar nada sobre isso... Não, eu posso conversar com você para tentar entender, se for possível” [Nina Kovaliova, esposa de um liquidador] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 269).

Por outro lado, houve aqueles que sentiam necessidade de testemunhar suas experiências traumáticas, como Nikolai Kalúguin (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 65): “[E]u quero testemunhar. Isso aconteceu há dez anos e todo dia se repete comigo. Agora mesmo. Carrego isso sempre comigo. Não sou escritor, não saberia como contar... Mas sou testemunha”. Observamos nessa fala que o trauma se repete na memória, que não foi elaborado nem superado. No caso desse personagem, a fatalidade maior se concretizou na morte da filha, motivo pelo qual o homem se revolta e reitera: “[E]u quero testemunhar, a minha filha morreu por culpa de Tchernóbil. E ainda querem nos calar” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 68). Percebemos nesse discurso que houve um silenciamento imposto pelos responsáveis pela tragédia e pelo próprio Estado, por isso a importância da história oral para preencher as lacunas da história oficial.

Um motivo muito comum que leva alguém a testemunhar sobre determinado acontecimento é a consciência da finitude da vida. À medida que o tempo passa, sente-se a necessidade de revelar algo importante, principalmente quando se trata de um fato histórico, como é o caso do acidente em questão. Os documentos com registros sobre o desastre de Tchernóbil foram destruídos por várias razões: primeiro porque, burocraticamente, os papéis oficiais na União Soviética só eram arquivados durante três anos, depois porque eram

radiativos, e, por último, porque houve a reestruturação do exército e a dissolução das unidades administrativas e militares depois da Perestroika. Porém, alguns conjecturavam uma circunstância muito plausível: “[é] possível que tenham sido destruídos para que ninguém soubesse a verdade. E nós somos testemunhas. Mas em breve morreremos” [Anônimo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 117).

Além da omissão de documentos, houve também omissão de verdades. As autoridades diziam que estava tudo sob controle, enquanto os habitantes de aldeias ao redor de Tchernóbil recebiam altíssimas dosagens de radiação. Algumas comunidades foram evacuadas, outras não. Os camponeses continuaram a cultivar, colher e consumir normalmente os alimentos que plantavam. Muitos deles foram persuadidos a permanecerem em suas casas, pois eram também mão de obra para o Estado.

Não apenas pessoas comuns, que viviam no campo e em pequenas aldeias foram enganadas, também militares tiveram informações omitidas enquanto serviam ao Estado, alguns foram enviados para o trabalho em Tchernóbil após o acidente sem ao menos terem conhecimento disso, apenas foram convocados e encaminhados. Um dos militares que testemunha na obra de Svetlana afirma que não os informavam sequer os valores das doses radiativas que estavam recebendo durante o trabalho: “[o]s roentgen que nos tocavam eram segredo militar. [...]. Nem sequer ao partirmos disseram quanto... Cachorros! Filhos da puta” [Anônimo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 68). Várias denúncias da mesma natureza são encontradas ao longo das narrativas na obra em análise.

Havia ainda controvérsias entre cientistas sobre os riscos que corriam os militares em serviço. Alguns afirmavam que não havia problema nenhum, outros alertavam para o mal que faria a exposição à radiação. Uns acreditavam que estavam seguros, outros sabiam do perigo e das prováveis consequências.

De fato, era plenamente compreensível que as pessoas fossem facilmente ludibriadas pelas autoridades, e até mesmo que não acreditassem, quando eram advertidas, no perigo a que estavam sujeitas com a alta radiação, uma vez que estavam lidando com um inimigo invisível:

A culpa é da radiação ou de quem? Como ela é? Vai ver, mostraram-na em algum filme. Você viu? Ela é branca ou o quê? De que cor? Uns contam que ela não tem cor nem cheiro, outros contam que é negra. Como a terra! Se não tem cor, é como Deus: está em todo lugar, mas ninguém vê. Querem nos assustar. As maçãs estão penduradas nas árvores e as folhas também, as batatas estão crescendo no campo... O que eu penso é que não houve nenhum Tchernóbil, que inventaram isso tudo. Enganaram as pessoas [Anna Petróvna Badáieva, residente na zona contaminada] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83).

Podemos observar no trecho acima a descrença naquilo que não é materializado, no que não é visto a olhos nus, o que acentuou o perigo das partículas radiativas. Para a personagem, se a vida continua seguindo seu curso normalmente, então não houve catástrofe, está tudo certo. Em outro relato percebemos também essa necessidade de materialização do perigo. Duas idosas garantem ter visto o monstro da radiação:

Pois olhe: está vendo aquela casa ali meio construída? Os moradores a abandonaram e foram embora. Por medo. Uma noite dessas fomos ver por dentro. Olhamos pela janela. E ali estava, debaixo de uma viga, a radiação. Com uma cara ruim e olhos de fogo! Negra, negra! (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 317).

Tal fala soa como uma alucinação, uma neurose traumática, como descrita pela psicanálise de Freud et al. (1969) em seu texto *O mecanismo psíquico do esquecimento*. Esse mesmo mecanismo pode ser observado no caso do relato da mulher que vê um duende em casa. Enfim, cada um encontra uma forma para conduzir suas experiências traumáticas, seja



para lembrá-las ou para esquecê-las, ainda que através de uma pulsão de morte, que seria uma solução e, para uns, até mesmo uma bênção: “[D]e alguns Deus se apieda, mas a mim ainda não concedeu a morte. Continuo viva” [Anônima] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 71).

A morte, aliás, é um tema predominante nos relatos reunidos na obra de Aleksievitch e estava presente entre indivíduos de todas as faixas-etárias, inclusive os natimortos. Como consequência do desastre aumentaram os índices de abortos, tanto espontâneos quanto induzidos, e houve um grande desequilíbrio entre as taxas de natalidade e mortalidade na região no período pós-catástrofe.

Alguns soldados que estiveram nas guerras em que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas lutou afirmam que a tragédia de Tchernóbil se equipara à situação bélica. À medida que as pessoas iam morrendo em decorrência de doenças desencadeadas pela radiatividade, os enfermos já imaginavam seus momentos finais: “[N]ão está claro como vou morrer. Se eu pudesse escolher a minha morte, seria uma morte comum. Não como as de Tchernóbil. A única coisa que sei é que com o meu diagnóstico não se dura muito. [...]. Estive no Afeganistão. Ali a coisa era mais fácil. Com uma bala... [Anônimo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 120).

A iminência da morte pairava sobre todo o povo de Tchernóbil, até mesmo as crianças tinham consciência disso. Uma das testemunhas relata uma cena que presenciou em um ônibus, em que um menino não cedeu seu lugar a um idoso, que o repreendeu dizendo: “‘Quando você for velho, também não vão te ceder o lugar’. ‘Eu nunca vou ficar velho’, respondeu o menino. ‘E por quê?’. ‘Todos nós vamos morrer logo’” [Lília Kuzmenkova, professora] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 299).

Um dos capítulos finais de *Vozes de Tchernóbil* é dedicado ao coro de crianças e adolescentes que a autora entrevistou em um hospital, e os relatos são profundamente tristes, trágicos. Um adolescente conta como vários de seus amigos e colegas de tratamento já se foram e se mostra resignado com a morte iminente:

Mas como me aborrecem essas paredes cinza do hospital. Como estou fraco ainda. [...]. E a minha chega. Ontem ela (a mãe) pendurou um ícone na enfermaria. Cochicha alguma coisa naquele canto, se põe de joelhos. Todos se calam: professores, médicos, enfermeiras. Acham que eu não suspeito de nada. Que não sei que vou morrer em breve (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 348-349).

Em vários dos testemunhos orais podemos observar a perspectiva infantil da morte, como uma criança que sabia que o avô estava morrendo e queria ver como é que sua alma sairia voando. As brincadeiras frequentemente giravam em torno da catástrofe da usina: “[E]u tenho um irmãozinho pequeno. Ele adora brincar de Tchernóbil. Constrói um abrigo, cobre de areia o reator. Ou então se veste de espantalho e corre atrás de todo mundo: Uh-uh-uh! Eu sou a radiação!” ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 348). Na escola desenhavam a Tchernóbil submersa no caos do acidente nuclear, ainda que pouco ou nada fosse dito sobre a questão. O silêncio sobre a catástrofe nas escolas era uma realidade, uma vez que havia falta de informações para repasse, censura do Estado e até mesmo um bloqueio psicológico que impedia que as pessoas em Tchernóbil conversassem entre si sobre o desastre. Geralmente falavam sobre o fato com estrangeiros, jornalistas e parentes que não residiam na zona contaminada.

As memórias de crianças são realmente impactantes, das mais singelas às mais trágicas e desoladoras. Viam tudo que possuíam ser enterrado em grandes buracos, suas casas com todos os seus pertences, livros, brinquedos:

[E]nterram tudo com areia e barro e comprimem. No lugar da aldeia fica um campo liso. A nossa casa está enterrada lá. E a escola, o soviete local. E também o meu herbário e dois álbuns de selos, que eu sonhava em buscar. Eu tinha uma bicicleta. Tinham acabado de comprar para mim (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 346).

O desastre significou uma guerra atômica, desde a movimentação de pessoas na região até a luta pela vida. Alguns utilizavam a expressão “campo de concentração”, “campo de Tchernóbil” para se referirem ao território contaminado pelos elementos químicos radiativos. “[...] hoje a guerra é outra. No dia 26 de abril de 1986, nós sobrevivemos a uma guerra. Uma guerra que não terminou” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 120). Os militares e todos os que serviram em Tchernóbil foram considerados por muitos como heróis:

Eu os considero heróis, e não vítimas de guerra, de uma guerra que é como se não tivesse acontecido. Chamam de acidente, de catástrofe. Mas foi uma guerra. Até os nossos monumentos de Tchernóbil parecem militares [Serguei Vassílievitch Sóboliev, diretor da Associação Republicana Escudo para Tchernóbil] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 222).

Assim como acontece em um cenário de guerra, as pessoas serviam, muitas voluntariamente, outras por pressão. Contudo, não recusavam a missão, até mesmo cientistas se dispuseram ao trabalho braçal, como conta uma testemunha à Svetlana:

[S]ou engenheiro químico, doutor em ciências químicas, e me obrigaram a abandonar o emprego de responsável por um laboratório químico num importante complexo industrial. E como me utilizaram? Põem nas minhas mãos uma pá. Esse foi praticamente o meu único instrumento. Foi aqui que nasceu o aforismo: contra o átomo, a pá [Ivan Jmíkhov] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 247).

Aqueles que sobreviveram à catástrofe tiveram que lidar, como se não bastasse o trauma imensurável do desastre e as condutas de guerra, com o preconceito e a discriminação. “[A]s pessoas têm medo de nós. Dizem que somos contagiosos. Por que Deus nos castigou?” [Anônima] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 74). O fato de terem sido altamente expostos à radiação os tornou um povo tóxico:

Podíamos ter ido embora daqui mas considere com meu marido e decidimos ficar. Temos medo das outras pessoas. Aqui ao menos são todos de Tchernóbil. Não assustamos um ao outro; se alguém oferece maçãs ou pepinos do seu jardim, da sua horta, nós pegamos e comemos. Não escondemos os alimentos com vergonha no bolso para depois jogá-los fora. Todos nós temos a mesma lembrança, a mesma sorte. Em qualquer outro lugar, em qualquer parte nós somos estranhos. Apeitados. Olham para a gente de rabo de olho. Com receio. As pessoas nos chamam “gente de Tchernóbil”, “crianças de Tchernóbil”, “evacuados de Tchernóbil”. Já estamos acostumados [Nadiéjda Burakova, habitante do povoado urbano de Jóniki] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 290).

Podemos observar no relato supracitado que os danos foram muito além de físicos, psicológicos e materiais, mas também foram morais, afetaram a vida humana, social, e até íntima. Sabendo da impotência sexual masculina como uma das sequelas da alta radiação, um jornalista tentou tratar do assunto com alguns militares que atuaram no acidente; entretanto, nenhum deles se abriu para falar sobre a questão; conseguiu somente confidências de algumas mulheres que os conheciam:

[O]lhe, agora mesmo estavam sentados aqui com vocês uns rapazes (elas riem), pilotos. Uns caras de dois metros. Cheios de medalhas. Para os soviets eles são bons, mas para a cama não prestam [Serguei Vassílievitch Sóboliev, diretor da Associação Republicana Escudo para Tchernóbil] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 222).

O fantasma da consequência íntima, sexual, cercava os homens que trabalharam diretamente no acidente nuclear, pois as mulheres, tendo conhecimento disso, não desejavam se unir a eles para namorar nem casar:

[G]ostei de uma garota: “Vamos namorar?”. “Para quê? Você agora é um dos de Tchernóbil. Quem vai querer casar com você?”. Conheci outra garota. Nos beijamos, namoramos. A coisa estava ficando séria. “Vamos nos casar”,

eu propus. E ela me perguntou algo mais ou menos assim: “Será que você pode? Está em condições?”. Eu iria embora daqui, e certamente ainda vou. Mas tenho pena dos meus pais... [Anônimo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 115).

Tchernóbil passou a ser considerada como doença:

[U]m dia, morreu inesperadamente uma jovem grávida. Sem diagnóstico algum, nem sequer o patologista deu o diagnóstico. Uma menina se enforcou. Do quinto ano. Assim, sem mais nem menos. Os pais ficaram loucos. O diagnóstico era o mesmo para todos: Tchernóbil, quando acontecia algo, todos diziam: Tchernóbil... [Nina Konstantínovna, filóloga, professora] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 165).

Além de diagnóstico médico, Tchernóbil passou a servir também como justificativa para os problemas da nação, assim como as guerras. A catástrofe trouxe novamente as medidas extremas por parte do governo, redistribuição e racionamento: “[a]gora surgia a possibilidade de jogar tudo na conta de Tchernóbil. ‘Se não fosse Tchernóbil...’” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 335).

A catástrofe criou um povo, surgiu um novo grupo: “[o] mundo se dividiu: há os de Tchernóbil, nós; e há vocês. O resto dos homens” [Nikolai Járkovi, professor] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 172).

A metodologia de coleta de informações e testemunhos utilizada por Svetlana Aleksievitch proporciona a exposição de vários casos, crendices e superstições, o que é comum na história oral. Essas vozes reunidas formam um “coro”, como denominado pela própria autora em alguns capítulos do livro. Muitas ressoam a religião e a fé, um suporte comum e efetivo para a sobrevivência daqueles que recorrem à crença e se apegam a ela.

O humor, apesar de contraditório, às vezes, se tornava também um modo de escapismo, uma espécie de fuga da realidade cruel em que “o povo de Tchernóbil” estava inserido. Há certo estranhamento quando refletimos sobre um fato trágico ser ou não risível, mas anedotas eram comuns entre a população da região. Há um episódio cômico que exemplifica a possibilidade de “rir para não chorar”:

[C]hora quem não labora... Veja uma ucraniana que vende no mercado umas maçãs grandes e vermelhas. Ela grita: “Comprem maçãs! Maçãs de Tchernóbil!”. Alguém a aconselhou: “Não diga, moça, que é de Tchernóbil. Assim ninguém vai comprar”. “Que nada! Compram sim, e como! Uns levam para a sogra, outros para o chefe” [Anônima] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 78).

Ao mesmo tempo, as pessoas enxergavam a beleza e o horror que as rodeava. As terras soviéticas no entorno de Tchernóbil são descritas no livro como paisagens belas: “[E] essa mesma beleza era o que fazia daquele horror algo ainda mais pavoroso. O homem tinha que abandonar aqueles lugares” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 136). Alguns dos testemunhos registrados pela autora lamentam que as pessoas não puderam mais desfrutar dos prazeres cotidianos, como nadar nas águas límpidas de seus rios, ou colher flores e frutos dos seus bosques.

O que percebemos nos registros de Svetlana Aleksievitch é que houve muita negligência e desordem por parte das autoridades e dos responsáveis pela condução do caso: “[N]ão escreva sobre as maravilhas do heroísmo soviético. Também houve, é verdade. Mas primeiro você deve falar da negligência e da desordem, depois das proezas” [Anônimo] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 111), e que, apesar da disposição ao sacrifício que o povo demonstrou, o descaso do governo é o que tiveram em troca:

[S]omos pobres, sobrevivemos de donativos. O comportamento do Estado, por outro lado, é de pura vigarice, abandonou essa gente por completo. Depois que morrem, inscreverão o nome delas em ruas, escolas ou alguma



unidade militar, mas só depois que morrerem (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 216).

[E] nas sessões da comissão governamental, informava-se de maneira simples e habitual que: “para tal coisa deve-se perder duas ou três vidas; para outra, uma vida” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 220).

Nem mesmo à beira da morte era comum o arrependimento por ter servido a pátria em Tchernóbil: “[U]ma vez eu lhe perguntei: ‘Você agora se arrepende de ter ido?’. E ele moveu a cabeça, dizendo: ‘não’” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 359).

A censura era uma constante em relação ao acidente nuclear. Jornalistas, cinegrafistas, fotógrafos eram rechaçados durante sua atuação, tinham seus instrumentos de trabalho confiscados: “[E]ra proibido filmar a tragédia, só se podia filmar o heroísmo!” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 219). Assim como todas as instâncias sociais eram controladas pelo governo, também a medicina e outras ciências eram submissas à política, por isso geralmente se omitiam as informações mais polêmicas e a verdade sobre os índices de radiatividade na região.

Mesmo em meio à catástrofe, a cultura de privilégios continuava reinando. Um relato de *Vozes de Tchernóbil* denuncia um caso de desamparo de uns em favor de outros, que tinham prioridade por serem ricos:

[V]êm à minha memória alguns fragmentos. Cenas. Um presidente de colcoz retira em dois caminhões todas as suas coisas, a sua família, os móveis; e o responsável do Partido exige um carro para eles. Exige justiça. Eu sou testemunha de que por vários dias não conseguiam sequer retirar de lá as crianças da creche. Não havia transporte (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 159-160).

Houve em torno do desastre nuclear muitos mitos. As consequências da tragédia eram difundidas entre as pessoas locais e as que não residiam na região. O imaginário é sempre um espaço fértil, e, diante de um fato como esse, a mitologia passou a fazer parte do cotidiano popular:

[O]s jornais e as revistas competem entre si para ver quem escreve as coisas mais terríveis, e esses horrores agradam, sobretudo àqueles que não os viveram. Todo mundo leu algo sobre os cogumelos do tamanho de uma cabeça humana, mas ninguém os encontrou. Como os pássaros de duas cabeças (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 173).

Mitologias à parte, mudanças de fato aconteceram tanto na paisagem, quanto no caráter nacional:

[N]ão apenas a paisagem mudou, pois onde antes se estendiam campos, cresceram novamente bosques e arbustos, mas também o caráter nacional mudou. Todos estão depressivos. O sentimento é de estarem irremediavelmente condenados. Para uns, Tchernóbil é uma metáfora, um símbolo. Para nós, é a nossa vida. Simplesmente a vida (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 291).

A catástrofe de Tchernóbil gerou um trauma mais amplo, além dos aspectos físicos, psicológicos e sociais, surgiu um trauma da cultura:

Por que se escreve tão pouco sobre Tchernóbil? Os nossos escritores continuam a escrever sobre a guerra, sobre os campos de trabalho stalinistas, mas calam sobre Tchernóbil. Há um, dois livros e acabou-se. Você acha que é mera casualidade? O acontecimento ainda está à margem da cultura. É um trauma da cultura. E a única resposta é o silêncio. Fechamos os olhos como crianças pequenas e acreditamos que assim nos escondemos, que o horror não nos alcançará [Evguêni Bróvkin, professor universitário] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 130).

Como já sinalizado por Svetlana em seu discurso na Academia sueca na cerimônia do prêmio Nobel de literatura, a cultura da tragédia é inerente ao povo soviético. Outro relato de

uma testemunha também chama a atenção para a questão quando reflete “[s]obre o destino da cultura russa, sobre a sua inclinação para o trágico. Sem a sombra da morte, não se podia entender nada. Só sobre a base da cultura russa seria possível entender a catástrofe. Só a nossa cultura estava preparada para entendê-la” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 296).

Embora o povo soviético estivesse sempre acostumado à cultura da tragédia, houve um estado de choque decorrente do desastre de Tchernóbil, uma impotência coletiva diante do trauma: “[M]e incomoda a minha experiência como professora. [...] Eu me sinto impotente. Há cultura antes de Tchernóbil, e nenhuma cultura depois de Tchernóbil. [...] onde estão os nossos escritores, os nossos filósofos?” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 283).

Quando lidamos com testemunhos de violência, com lembranças traumáticas, é comum nos depararmos com o discurso do indizível. Faltavam palavras para descrever as experiências, a língua não dá conta de traduzir a memória, como afirma Giorgio Agamben sobre a tragédia da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Em sua obra *O que resta de Auschwitz*, Agamben (2008, p. 11) observa as dificuldades dos testemunhos de guerra em que “trata-se de narrar ‘o que aconteceu’ e de afirmar que ‘o que aconteceu’ não faz parte do narrável”. Algumas testemunhas encontram outras formas de expressão quando o discurso não é possível ou suficiente: “[P]or que me tornei fotógrafo? Porque me faltam as palavras” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 298).

Apesar das experiências do horror e do trauma, houve um aprendizado da humanidade depois do desastre. Na concepção de uma testemunha entrevistada por Svetlana Aleksievitch: “[N]ão só nós, mas toda a humanidade se tornou mais sábia depois de Tchernóbil. Amadureceu, entrou em outra idade” [Guenádi Gruchevói, deputado bielorrusso] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 185).

As pessoas, geralmente, passam a refletir mais sobre sua existência quando ocorrem desastres como em Tchernóbil. É possível reconhecer em situações extremas a efemeridade da vida e a importância do registro dos fatos históricos, pois esses normalmente se consolidam como verdades do mundo e entram para a História oficial, como exemplifica o excerto abaixo:

[E]u sonhava! Lamentava não estar lá em 1917 ou em 1941. Hoje penso de outra forma: eu não quero viver a história, no tempo histórico. A minha pequena vida ficaria imediatamente sem defesa. Os grandes acontecimentos a esmagariam sem sequer notá-la. Sem se deter. Depois de nós, restará apenas a história. Restará Tchernóbil. E onde está a minha vida? O meu amor? (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 270).

Apesar da consciência da finitude de suas vidas anônimas, alguns se apegam à crença na história, de modo que esperam a justiça com o passar do tempo: “[E]u creio na história. No julgamento da história. Tchernóbil não terminou, apenas começa” [Vassili Nesterenko, ex-diretor do Instituto de Energia Nuclear da Academia de Ciências da Belarús] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 328).

As imagens apocalípticas de Tchernóbil são como uma versão tecnológica de fim do mundo. Não obstante, Svetlana Aleksievitch pondera sobre a possibilidade de incidentes catastróficos como esse se repetirem:

Antes de tudo, em Tchernóbil se recorda a vida “depois de tudo”: objetos sem o homem, paisagem sem o homem. Estradas para lugar nenhum, cabos para parte alguma. Você se pergunta o que é isso: passado ou futuro? Algumas vezes parece que estou escrevendo o futuro (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 51).

Podemos concluir que a contribuição da técnica de coleta de testemunhos orais é fundamental para preencher as lacunas da história oficial, que frequentemente não privilegia alguns discursos populares importantes. A tentativa de silenciamento e exclusão das vozes que denunciam os horrores e as injustiças de uma nação encontra resistência quando esses

Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504  
sujeitos marginalizados social e culturalmente encontram um lugar de fala como o que oferece a obra de Svetlana Aleksievitch.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. Trad. Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund; STRACHEY, James; FREUD, Anna, STRACHEY, Alix; TYSON, Alan; SALOMÃO, Jayme. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. 24v.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio; NESTROVSKI, Arthur (org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

[Recebido: 21 jul 2020 – Aceito: 25 set 2020]